

**TEORIA DO MEDALHÃO**

ABDALA, Felipe Mateo;

BASSO, Vitor Daisuke;

DANIELI, João Vitor;

PELISSA, Marcello Davi;

TORRES, Anna Rebeca Paes;

WELCHEN, Dirce.

**Resumo**

O enfoque deste texto é tratar a respeito da obra "Teoria do medalhão", de Joaquim Maria Machado de Assis, com a intenção de atrelar um resumo do conto e relacionar, tanto tema, quanto características dele, com a atual sociedade jurídica. Sendo assim, o autor, pertencente ao Realismo brasileiro, teve um de seus maiores sucessos ao publicar "Teoria do medalhão", escrito em 1881, e carregado de grande contemporaneidade, devido ao alto teor de análises sociais e ironias apresentadas no seu desenrolar. Dessa forma, o conto se passa no decorrer de uma conversa entre pai e filho. Mas é claro, mesmo que ela esteja inserida no contexto social da época e mantenha algumas diferenças para com a linguagem cotidiana utilizada em dias atuais, o assunto tratado é extremamente contemporâneo, inclusive, outra das principais características de Machado de Assis. Tendo isso em vista, o diálogo decorrido em primeira pessoa ocorre na noite de aniversário do filho, dia 5 de agosto de 1875, quando havia atingido a maioridade, pois acabava de completar 21 anos. Conseqüentemente, o tema central da conversa gira em volta de conselhos e orientações fundamentais dadas pelo pai à vida do jovem, uma espécie de "trilho" a ser seguido rumo ao sucesso nas variadas áreas que seu filho poderia ocupar durante a carreira profissional. Portanto, após o garoto pedir uma direção sobre qual

profissão seguir, seu pai lhe apresenta o exercício de ser um “Medalhão”. Aquele que recém havia atingido a maioridade não sabia de que se tratava tal ofício, nessa altura, a conversa se dirigia para uma longa apresentação e detalhamento dessa atividade, tida pelo pai como ideal para o alcance da plena virtude de seu sucessor. Sob essa ótica, o autor começa a construir o humor, a ironia e as críticas à sociedade que percorrem a obra, a partir do esclarecimento de o que fazem e quem são “Os Medalhões”. Com isso, o personagem principal do diálogo (o pai) inicia a descrição dizendo que esse ofício poderia ser exercido em qualquer uma das profissões por que optaria: magistratura, artes, letras ou comércio. Esse seria um guia para que, onde estivesse, o filho pudesse sair da “grande obscuridade comum” e conseguir uma posição de destaque. Mesmo que deixasse clara a necessidade de “trabalhar” em torno desse ofício no decorrer dos anos, o pai apresenta uma média de idade em que seu filho deveria atingir tal posição, apontando como ideal entre os 45 e 50 anos de “Janjão” – apelido usado para dirigir-se ao filho. Além do mais, ele segue de modo a expor uma sequência de dotes e características que o rapaz deveria ter e que seriam convenientes à atividade, a primeira delas dizia respeito à importância de não construir ideias, sempre manter-se neutro, ser desconstituído de pensamentos e análise crítica. Em consoante, usar a fala para assunto fúteis, breves e ralos, de modo a não se requerer um raciocínio detalhado do ouvinte e até mesmo dele próprio, frases que servissem apenas como cortejo para aqueles que o rodeassem. Conjuntamente, seria ideal, para “Os medalhões”, manterem-se distantes das bibliotecas, cultivarem curtas aproximações, apenas para dialogar a respeito de coisas corriqueiras e anedotas da semana, conforme bem é abordado no texto original. A intenção real desse ato é que ele pudesse ser visto nas proximidades da livraria, não que fosse até ela com o objetivo de enriquecimento intelectual. Nesse sentido, constrói-se a imagem do Medalhão à medida que essas dicas são apresentadas. Outrossim, também há recomendações quanto ao uso do vocabulário e propagação de sua imagem de forma correta para cada circunstância que possa presenciar. O filho deveria utilizar palavras simples, sem muito adorno e expressões não convencionais, a fim de evitar obrigar os demais a um esforço inútil, segundo seu pai. Porém, seria permitido a ele que fizesse uso de ditos convencionais, consagrados pela literatura, prontos, sintéticos e ideais para situações cordiais, tais quais agradecimentos ou sobremesas. De como conjunto, deveria existir a certeza de que seu nome circularia entre os concidadãos, esse feito

poderia ser elaborado por meio da propagação de notícias, mesmo que exacerbadas, contendo seu nome; ou ainda, através de jantares aos próximos, uma maneira de divulgar aspectos positivos de si próprio e estar sempre entre as bocas do povo. Além do mais, evidencia-se o motivo pelo qual todas essas dicas foram até então citadas, mostrando-se que depois a um certo período, ao atingir o ponto de “Medalhão”, não faltariam ao jovem circunstâncias, convites, comissões e jantares. Ele teria se tornado, logo, o mais desejado dentre os círculos sociais em que estivesse inserido. Portanto, o medalhão, criado pelo autor, caracteriza-se por aparentar ser o que não é. Tem por característica, como no medalhão “verdadeiro”, acessório decorativo, ser constituído por uma face lisa, sem imagens, que voltada apenas para o dono; e outra mais atraente, virada para o lado contrário, na intenção de ser vista, admirada e prestigiada por todos. A narrativa trata também do modelo de participação política que deveria ser adotado pelo garoto, futuro “Medalhão”. O filho questiona ao seu pai sobre se deve ou não discursar no parlamento, ocupar ou não a tribuna, ele responde dizendo que é aceitável sua exposição perante o povo, embora tivesse de ter cautela quanto ao tema a ser discursado. A preocupação se dá em razão de que escolher a abordagem do assunto correto é fundamental para o êxito nesse ramo, tendo em vista o número de pessoas a que possa interessar sua fala. Destarte, caberia que optasse por questões metafísicas, de cunho teórico, que não influenciassem nos apontamentos práticos de interesse do governo ou da população, mas, sim, que fosse um discurso dotado de enfeites e utopias, pois essas são as falas que seu pai diz serem capazes de atingir e impressionar uma maior quantidade de pessoas da urbe. Convém, além disso, evitar a filosofia, a originalidade e a reflexão. Aproximando-se do fim do conto, foram citadas pelo pai mais algumas dicas de comportamento, como: evitar ser um completo melancólico e fazer algumas interações divertidas. Porém sem usar da ironia, já que ela requer maior capacidade intelectual para compreensão; recomenda, então, o uso da piada direta e franca, compreensível por todos e capaz de provocar risos com menos dificuldade. Em suma, é chegada meia noite e dá-se o fim do aniversário de Janjão, o diálogo se encerra e a última das falas do bom pai fazem menção à importância de se guardar esses conselhos e usufruir deles pelo restante da vida, já que, segundo ele, isto valeria tanto quanto a obra “O príncipe”, de Nicolau Maquiavel. Em relação com o Direito, conforme apontou Aristóteles (1998), ao dizer que o homem é um animal político em sua natureza, permite-se a conclusão de que, sendo uma

característica é inata a ele, suas condutas políticas agem como reflexo de ações já praticadas por ele nas demais esferas sociais. Portanto, paralelamente ao conto de Machado, têm-se os infundados problemas relativos ao excesso de superficialidade e ausência de transparência nos variados ramos do Direito, os quais podem ser entendidos como resultados de todo um conjunto de relações entre o ensino e a prática jurídicas, áreas que permitem correlações com o trazido na obra. Dessa maneira, hodiernamente, na didática do Direito, é crescente o número de alunos optam por uso de resumos prontos, achados na internet e dotados de linguagem simples, sem fugir do senso comum, com significados rasos e escassos dados a conceitos amplos e complexos; ou seja, tem-se aqui um conhecimento por reprodução e dotado de simplicidade. Na prática jurídica, não é diferente, pode-se abordar como exemplo a figura dos juizes, singular ou membro de turma colegiada, que geralmente segue os caminhos mais fáceis nos momentos de tomar decisões, indo sempre de acordo com os tribunais. De forma atrelada, é de notória percepção que advogados têm se preocupado muito mais com a imagem e a publicidade de seus escritórios com a intenção de lucro a todo custo, no lugar de preferirem uma ascensão com base na sua seriedade e competência. Assim também se comporta a política clássica representativa, seja na democracia, ação estatal ou campanhas partidárias. Com uso de discursos retóricos e promessas de campanhas supérfluas, os políticos durante períodos eleitorais se tornaram verdadeiros exemplos de "medalhões" que utilizam da propaganda para obter ovações populares e, posteriormente, seguir perpetuando mandatos inúteis, pois não detém a necessária fundamentação teórica; logo, a divulgação real de medidas possíveis de serem realizadas à população e propiciadoras do bem-estar social fica ausente. Em suma, tem-se a ascensão da visibilidade e o declínio da transparência.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. [S.l.]: Vega, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Teoria do medalhão**. Baurú: Edusp, 2001.

MARINHO, Fernando. Biografia de Machado de Assis. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/machado-de-assis.htm>. Acesso em: 27 abr. 2019.

E-mails: [annarebecapaestorres@gmail.com](mailto:annarebecapaestorres@gmail.com);

[felipx.abdala@gmail.com](mailto:felipx.abdala@gmail.com);

[joao.vitor.danieli@hotmail.com](mailto:joao.vitor.danieli@hotmail.com);

[marcellochape7@gmail.com](mailto:marcellochape7@gmail.com)

[vitordbasso@hotmail.com](mailto:vitordbasso@hotmail.com);

[dirce.welchen@unoesc.edu.br](mailto:dirce.welchen@unoesc.edu.br).